



ANTIGO PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO EM BELEM.

O PALACIO que a nossa estampa representa, antiga habitação do duque de Aveiro, era situado em terras da corôa, no lugar de Belem, proximo do mosteiro dos monges de S. Jeronymo, e do mesmo lado d'este com frente na direcção de leste a oeste. A área que occupava este grande edificio, está indicada por um padrão (1) erigido no centro d'esse terreno; por quanto uma das disposições da sentença proferida pela suprema junta da inconfidencia, em 12 de janeiro de 1759, contra os cúmplices do attentado feito a el-rei D. José, foi a total demolição do sobredito palacio até aos seus alicerces, sem d'elle ficar vestigio algum.

Com quanto ninguem ignore o facto a que nos referimos, comtudo achamos, que não seria fora de proposito esclarecer o publico de algumas circumstancias mais particulares que se deram n'este extraordinario e atroz successo, geralmente attribuido a tramas jesuiticas, talvez alimentadas por alguns motivos a que desse logar a fraqueza da parte do soberano, como homem. Sabe-se qual o odio, que o conde de Oeiras concentrava contra os jesuitas, e a sua desaffeição para com a antiga nobreza; por tanto o alvo, ou o golpe mais seguro e certo era destruir antes o rei, do que o seu valido; acabava a

influencia: pois quem não reconhece, que a confiança do monarcha era que lhe dava toda a força, apoiada nos seus grandes talentos? Porém o conde de Merle, embaixador de França em Portugal, que ha pouco tempo havia chegado, escrevendo ao duque de Choiseul, lhe participa, que tendo com o conde de Oeiras uma longa conferencia sobre o desgraçado acontecimento dos tiros, julgava incompreensivel, que motivos tão frivolos, como os que o mesmo conde lhe havia apontado, houvessem arrastado os cabeças da conjuração a perpetrarem um crime tão horrendo.

Procedeu-se á captura de mais de seiscentas pessoas, entrando muitos jesuitas, e no numero d'estes os confessores da familia real. Corria tambem, que o fim era sublevar o povo no caso que el-rei tivesse sido morto. E tanto assim é, que o encarregado de negocios da França mr. de Saint-Julien, na correspondencia para a sua côrte, da qual colligimos alguns d'estes esclarecimentos, se expressa nos seguintes termos: *« Ainsi votre grandeur peut juger le danger, dont nous avons échappé. »* D. José ainda depois do attentado, de que recebeu alguns ferimentos, continuou a admittir o duque de Aveiro, que era seu mordomo-mór, e o marquez de Tavora, cabeças da conjuração, para no entretanto, e no maior segredo se instaurar o processo; mr. Saint-Julien assim o assevera, dizendo que vira depois da conspi-

(1) Veja-se o numero 13 do presente volume.

ração todos os dias até a sua captura, o duque e o marquez na ante-camara. É porém certo que nem todos os processos se duplicavam; algumas razões houveram para isso. A politica do estado e talvez o interesse, e a paz do povo pediam que alguns artigos se não divulgassem; porém a mais forte razão foi a vontade do soberano, que nem por pensamentos consentiu, que uma pessoa com quem tinha tido relações de galanteria, fosse publicamente exposta e punida; n'este caso a honra de amante prevaleceu ao dever de monarcha.

O attentado teve logar na noute de 3 de setembro de 1758. Os conjurados postaram-se pela forma seguinte: primeiramente o duque com os seus criados, Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo de Azevedo, junto á porta (da quinta do antigo palacio d'Ajuda, que dá serventia para as terras d'Alcolena) por onde el-rei devia sair: o duque foi o primeiro que apontou, mas falhou o tiro; os dous criados também dispararam, e d'estes é que el-rei recebeu os ferimentos: no meio do caminho que conduzia ao dito portão estava o marquez de Tavora, o conde d'Atouguia, seu genro, e ao pé d'elle seu filho natural, a marqueza de Tavora, e seus dous filhos, o marquez, e José Maria, e dous criados do duque; todos os conjurados estavam a cavallo: a salvação do monarcha foi a resolução do cocheiro, o qual apenas atiraram os primeiros tiros, fez voltar repentinamente a carruagem, evitando as outras embuscadas.

A sentença foi proferida no dia 12 de janeiro de 1759, e no dia seguinte teve logar a execução dos cúmplices, começando o supplicio ás 8 horas da manhã n'um sabbado. No dia 10 tinha sido conduzida do convento das Grillas, onde estivera preza, a marqueza de Tavora para Belém, e reclusa na mesma prisão do marido, e de outros fidalgos; e no dia da execução foi levada em uma cadeirinha ao cadafalso, que estava levantado na praça de Belém defronte da casa, onde o marquez e os outros conjurados existiam presos; sentaram-na n'um tamborete, vendaram-lhe os olhos com uma toalha, cortando-lhe o algoz a cabeça de um só golpe: ía vestida á allemã com uma grande capa de panço escuro, e com muitas fitas brancas na cabeça; esta senhora morreu com muito valor e resignação. Seguiu-se a execução de José Maria de Tavora, seu filho, moço de 21 annos, cuja presença de espirito e coragem causou admiração a toda a gente, e aos proprios juizes; pois até nos tormentos, que soffreu nas differentes torturas, não confessou jámais cousa alguma, nem proferiu a menor queixa; e só quando foi acareado com o marquez de Tavora seu pae, se resolveu a dizer que faria a mesma confissão, que elle: foi estrangulado, sendo-lhe quebradas successivamente as canas dos braços, e das pernas, e também rodado; e finalmente o corpo feito por fogo em pó (expressões da sentença). Este moço era mui bem parecido, e tinha muito talento; não havia entrado na conjuração, senão forçado pelo marquez seu pae, e pelas suggestões da mãe: o conde de Atouguia D. Jeronymo de Ataíde soffreu o mesmo supplicio. Depois seguiu-se o marquez de Tavora filho; no patibulo pediu perdão a todos; quiz fazer persuadir, que estava innocente; mas fizeram-no calar; foi executado do mesmo modo, que seu irmão: — Teve logar depois, e pela mesma forma, o supplicio de Manuel Alvares Ferreira, guarda-roupa do duque, de João Miguel, também criado d'elle, e de um filho natural do marquez de Tavora, um Braz José Romceiro, cabo de esquadra na companhia de D. Luiz Bernardo de Tavora, teve a mesma sorte. Seguiu-se o marquez de Tavora

pae, que estava vestido do mesmo modo, que se achava, quando foi prezo; este velho subiu ao cadafalso com muito valor. O ultimo foi o duque de Aveiro, que ía com a cabeça, e os pés nus; marchou para o supplicio bastante abatido: el-rei commutou-lhe a pena; sendo queimado vivo como fôra o seu criado Antonio Alvares Ferreira, um dos dous que haviam atirado a el-rei. José Polycarpo de Azevedo conseguiu evadir-se, procurando desfigurar o semblante com bastante coragem e soffrimento. Chegou a ser capturado em Perpinhão um subdito portuguez na supposição de ser este; houveram as competentes participações entre o duque de Choiseul, então ministro em França, o governador geral de Perpinhão e o governo portuguez; afinal este ultimo affirmou não ser o prezo, retido n'aquella cidade, o réu José Polycarpo. Também foram conduzidos presos para Gôa todos os creados de libré, que haviam pertencido ao duque de Aveiro, e ao marquez de Tavora.

Não faltou quem condemnasse o modo por que foram processados estes cúmplices, por isso que o processo fôra todo elaborado secretamente, e mesmo porque os juizes d'elle não eram tidos em conta de bons jurisconsultos; além de que em um processo de tal natureza deviam assistir a elle os grandes do reino. Também as penas infligidas foram em geral consideradas como demasiadamente severas; porém se olharmos aos tormentos que soffreu Damiens e Ravaiillac, talvez aquellas pareçam moderadas. Mas para se avaliar a barbaridade que acompanhava todos os actos, que se praticaram por occasião de tal acontecimento, basta referir o facto verdadeiro de haver fallecido, comido de bixos e de lepra, o filho do duque de Aveiro na tenra idade de treze annos, não tendo nunca cessado de chorar, pedindo e rogando com o maior fervor, que o levassem para a companhia de seus paes, cuja morte ignorava. É assim que a historia das nações nos está mostrando sempre, que os chamados homens de estado muitas vezes têm por base da sua elevação e grandeza victimas sem numero.

J. C. DA SILVA.

POESIA.

SE a historia, como diz Rollin imitando a bella phrase de Cicero, é o testemunho dos tempos, a luz da verdade, a vida da memoria, a depositaria dos acontecimentos; é, se é permittido assim chamar-lhe, a mensageira da antiguidade; se ella nos abre a vasta carreira de todos os seculos passados, aproximando-os de nós como se os tiveramos presentes; se nos mostra os conquistadores, os heroes, os principes e todos os grandes homens, despojados porém do prestigio do poder, para, reduzidos a si mesmos, darem conta de suas accões perante o tribunal da posteridade: a poesia, quer considerada na sua primitiva instituição, ensinando aos homens as verdades mais importantes da religião, e o modo de consagrarem á divindade as puras homenagens de culto, como as que os hebreus celebravam nos seus dias sollemnes, a memoria das maravilhas que o Deus de Israel tinha obrado em seu favor; quer havida como um meio de formar os costumes, ostenta-se como a historia, e dá resultados do mesmo valor, por que tende ao aperfeiçoamento da condição moral do homem.

A par de Herodoto, honra da Grecia, a quem Cicero chamou pae da historia, avulta Homero primeiro ornamento da poesia, denominado também pae e principe dos poetas: do qual não só a Grecia

se afama, mas sete cidades lhe disputam o nascimento: a sua *Illiada* e *Odyssea* elevam-se, em genero differente, á altura do Peloponneso de Thucydides, da *Cyropedia* de Xenophonte, e dos Sallustios, Dyonissios, e Cornelios da antiga Roma.

A historia é tudo quanto disse aquelle grande orador romano, será mais ainda; mas a poesia, subindo ás espheras *epicas*, não da menores instrucções nas variadas allegorias d'uma acção importante e heroica; não celebra menos, na *ode*, as proezas dos grandes homens, para accender nos outros o nobre ardor de imital-os; não deixa, na *tragedia*, de inspirar o horror do crime, de corrigir na *satyra*, pela guerra que faz ao vicio; de excitar, na *elegia*, a sensibilidade que paga sobre o tumulto do virtuoso o tributo de sinceras lagrimas; nem de mostrar, na *egloga*, o contraste do ostentoso, quando canta a innocencia e os prazeres da vida campestre.

Seguindo a analyse quanto o permite o modo resumido por que se escreve para um jornal, ou antes o pouco conhecimento da materia, vemos que a poesia passando da Grecia á Italia recebeu em Roma immensa gloria e reputação, quando ao fundar-se este imperio, no tempo das segundas guerras punicas, despontou no horisonte das letras o seculo de Augusto. Os Virgilio, Horacio, Tibullo, Propercio e Ovidio foram outros tantos modelos de propriedade, elegancia e pureza de estylo; seguindo-se lhes, entre outros, Plauto na *Amphytruo*, *Asinaria* etc. de que disse Varrão «si Musæ latinæ loquerentur, Plautino sermone loquerentur» Lucrecio na sua *De rerum natura*, typos de muita elegancia na phrase, de sublimidade no assumpto: e Catullo na belleza dos epigrammas, e imitação do estylo grego.

Virgilio, dá na Eneida um perfeito exemplar do poema heroico; elevando-se ás regiões *epicas*, ahí as palavras se medem sempre pelo magestoso do assumpto. Horacio, grande no verso lyrico, fere na harpa de ouro os sons harmoniosos de Alceo e Pindaro; e dá um vigor incisivo ás *satyras*. Tibullo e Propercio, que floreceram quasi no mesmo tempo, são emulos no mimo das *elegias*; e Ovidio, depois da originalidade nas metamorphoses, da pompa nos fastos, e do sentimento *elegiaco*, mostra na *Medea* de quanto seria capaz se, em vez de entregar-se arrebatado á fecundidade d'um genio immenso, fosse mais detido pelos dictames da razão; como diz Quintiliano: «Ovidii Medea videtur mihi ostendere quantum vir ille prestare potuerit, si ingenio suo temperare quam indulgere maluisset.»

Mas se d'esta idéa geral quizessemos descer á analyse das especialidades, e exemplificar o effeito de todos aquelles generos de poesia, em quadros de subido valor no apparatus das scenas, na força das situações, na vehemencia dos sentimentos, bastaria abrir um só livro, esse que constitue um dos nossos maiores padrões de gloria nacional — os *Lusiadas*!

N'aquelle espaço dimensional da maior das composições poeticas estão attingidos todos os pontos, sem que a grandeza do assumpto fizesse roçar pela vasta imaginação do poeta nem sequer um leve temor do vôo, ainda á mais elevada esphera. O hymno dos heroes está aonde elle canta o valor luso; e dispondo de todas as formas que a poesia toma para se adaptar ao objecto que exprime, grava a historia do paiz em paginas de aprimorado labor, que são marmore para o tempo, e modelo para a intelligencia dos homens.

O feito de Vasco da Gama, memoravel no mundo politico, criou um poema que enche o orbe litterario: diante de dous grandes monumentos para extatica a posteridade: um foi levantado pelo valor

portuguez, o outro erigido por um dos maiores genios, a quem o Horacio lusitano consagra estes bellissimos versos:

Vós, Tagides, o peito vasto enchestes
Do arrojado Camões, vosso mimoso,
E da vossa Hippocrene lhe emborcastes
Na mente a vèia toda.

O poema do nosso eximio poeta, recebendo um applauso universal dos eruditos, tanto nacionaes como estrangeiros, e estando reproduzido em tantas edições portuguezas, e nos idiomas das nações cultas que desde o seculo 16.^o o traduziram, tem inscripta em si a prova irrecusavel de seu alto merecimento.

Meinharol, e *Florian*, não traduzindo integralmente os *Lusiadas*, limitaram-se ao episodio de D. Iguéz de Castro, aquelle em verso allemão, este em francez; e confesso que me lisongei coincidir esta escolha com a que eu faria, se me achasse em identicas circumstancias; porque do mesmo episodio do canto 3.^o é a estancia CXX tão admiravel que, renunciando á consciencia das poucas forças, quiz traduzir-lhe não a frase, mas o pensamento; e compuz a glosa que se segue.

Ocioso seria dizerem-me que fiz mal, por que d'isso estou eu persuadido; mas sendo este um mal que só me cabe, que resulta d'ahi? manifestar uma tentativa que a fortuna não protegeu! uma coragem infeliz! sempre me hão-de conceder o que, n'outra hypothese, o heroe de *Ajaccio* não negava aos vencidos — honneur au courage malheureux.

*Estavas, linda Iguéz, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fructo,
N'aquelle engano d'alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.*

CAMÕES, CANT. 3.^o EST. CXX.

I.

Gosando amenos dias de ventura.
Q'amor não tinha ainda envenenado.
Das flores attrahindo-te a candura
Q'o zephyro bafeja embalsamado:
Assim (oh! ideal da formosura
Por quem Jove se achára namorado!),
A despeito do deus injusto e cego
Estavas linda Iguéz posta em socego.

II.

Não querendo, porém, o deus vendado
Deixar-te não sentindo os seus enganos,
De setas mais agudas veiu armado,
Com que sabe ferir peitos humanos:
Mas seu primeiro esforço foi baldado,
Porque, sem te causar acerbos damnos.
Ficaste, não pagando a amor tributo,
De teus annos colhendo doce fructo.

III.

Eis que o impio voltando a nova empresa,
O herdeiro d'Alfonso, ainda infante,
Ferir foi com tal arte, e tal destreza
Que votos mil te fez d'eterno amante:

E com a mesma seta, em fogo acceza,
Correndo a ti n'um rapido instante
Despede o golpe, e dá-lhe inteiro emprego
N'aquelle engano d'alma, ledó e cego.

IV.

Já cuidados te seguem noute e dia,
Porque do Pedro teu vives ausente;
Já das aves a grata melodia
Deixaste d'escutar alegremente;
Trocada assim em pranto a alegria,
A doce liberdade em dôr pungente,
Do bem vez apoucar-se aquelle fructo
Que a fortuna não deixa durar muito.

V.

Suspiros, que confias só das flores,
E ais, que ao céu elevas magoados,
Parecem traduzir de teus amores
Os futuros destinos desgraçados:
E, entre a esp'rança incerta e os temores
Q'excitam sentimentos encontrados,
Vivendo vaes sem paz, e sem socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Os momentos q'apar do teu amante
Passaste, nos encantos da ternura,
Convertem-se, depois d'elle distante,
Em horriveis espaços d'amargura:
E então que a saudade penetrante
O intimo da alma te procura,
E o peito t'envolve quasi em luto
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Amor, vendo este effeito, se compraz
De ter sacrificado um peito humano,
Por que o amargo pranto satisfaz
Um deus como é Amor, sempre tyranno:
Com gesto imperioso, e aspecto audaz,
Olhando a sua victima, ufano
A's Nymphas disse: «Ide as glorias minhas
Aos montes ensinando e ás hervinhas.

VIII.

Assim, oh! linda Ignez! teus bellos dias
Pelas sombras da morte já se entranham,
Horrores q'ella espalha e agonias
Te circundam: algozes t'acompanham!
E quando supplicar ainda querias,
Rasgado tens o seio! em sangue banham,
Mãos barbaras, mãos impias e mesquinhas,
O nome que no peito escripto tinhas!

M. CESARIO D'ARAÚJO E SILVA.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXIII.

*Passagem da princeza D. Joanna, mãe de el-rei
D. Sebastião, quando vólou para Castella.*

Da Historia Genealogica da Casa Real de D. An-

tonio Caetano de Sousa, tom. 6.^o, pag. 54, tiro a seguinte noticia:

«Sentiu Portugal no anno de 1554 o terrivel golpe da morte do Principe D. João, na flor da idade; tendo nesta fatal desgraça principio tantas calamidades, como as que se seguiram depois ao Reino. Era casado com a Princesa D. Joanna, que ficando pejada deu á luz o malogrado Rey D. Sebastião, como em seu logar fica escripto; e ficando tão inconsolavel que nenhuma cousa podia suavisar aquella dor, nem temperar uma ferida sem cura, determinou voltar para Castella para a companhia do Emperador Carlos quinto, seu pai. Foi nomeado para a acompanhar á raia o Duque de Bragança, a quem não deram mais tempo para esta jornada do que quinze dias, e que no fim delles a esperasse na Villa de Arrayolos. Partiu a Princeza de Lisboa a 14 de Maio, entregue ao Infante D. Luiz, e acompanhada de muitos senhores da corte, que por ordem a seguiam. O Duque (ainda que em breve prazo) se preparou com tanto apparatus e grandeza, que suppriu a arte ao tempo, para que não fosse menor a magnificencia á que acima referimos, (1) ainda que por modo raro, sendo funebre todá a pompa, com que conduziu então esta Princeza saú de Villa Viçosa em huma quinta feira, 17 do mez de Maio do dito anno, com a Duqueza, sua mulher, acompanhado de 450 homens acavallo, quasi todos continuos de sua casa, e foram á Villa de Souzel, onde ficou a Duqueza para receber a Princeza, e mandou-se preparar com notavel grandeza e gosto tudo o que podia ser necessario para a sua hospedagem e da corte, que a seguia. O Duque passou a esperar pela Princeza a Arrayolos, onde tinha dado providencia á hospedagem da mesma Senhora e de toda a sua familia com a magnificencia e grandeza, que á sua pessoa convinha; e acabando de chegar a gente de cavallo, que esperava para a acompanharem, que eram vassallos seus daquella provincia, porque não houve tempo para virem das outras, os quaes com os do serviço da sua casa chegaram a 850, a que ajuntando os que iam com os fidalgos, que o acompanhavam seriam quasi 950. Em o sabbado pela manhã saú de Arrayolos o Duque com toda esta grande comitiva, conforme a ordem que d'ElRey tinha; e tendo caminhado meia legua distante da Villa, teve hum aviso do Infante D. Luiz, em que ElRey lhe ordenava que fosse esperar a Princeza dentro na Villa nas casas aonde ella havia de pousar; sendo o motivo por que quando os Duques encontram a ElRey no campo se apeam para lhe beijar a mão, e ElRey os manda pôr a cavallo, e assim lha beijam; e por quanto a Princeza caminhava em liteira cerrada, e não podia praticar com o Duque este ceremonial, ordenou ElRey que elle a esperasse em sua casa. Pelo que em virtude d'este recado determinon recolher-se logo á Villa, porém antes que o fizesse mandou pôr em ordem a gente, que levava, para que naquella forma esperassem a Princeza quando passasse; e porque a gente era muita, e toda bem vestida e luzida, fazia huma agradavel e pomposa vista. O Duque, acompanhado de Francisco de Mello de Castro, e de cinco creados, vólou á Villa a esperar a Princeza na forma determinada. Chegou esta a Arrayolos ás dez horas, e apeando-se subiu, e na primeira sala a esperava o Duque para lhe bei-

(1) E' a pompa, com que o mesmo duque acompanhou de Almeirim até ao Caya, em maio de 1543, a infanta D. Maria, que havia casado com o principe D. Philippe, depois o 2.^o do nome em Castella.

jar a mão, e o Infante D. Luiz lha entregou, e beijando a mão á Princeza se despediu della, e sem fazer mais demora foi jantar fora da Villa a huma Quinta do Conde de Vimioso, a que chamam a *Sempre Noiva*, aonde o Duque lhe tinha mandado preparar de comer, não só para a sua pessoa, mas para todos os que o seguiam, que eram 300 homens de cavallo. É de advertir que sendo dia de peixe, e aquelles lógaes distantes dos portos do mar, foi grande o regalo e abundancia, com que a Princeza foi servida, e da mesma sorte os fidalgos, que ali se acharam, e os seus criados, com huma profusão tal que a todos alcançou a grandeza do Duque, e no que se perdeu e sobejou muito mais, de sorte que deu de comer a todos os que o quizeram ir buscar ás suas ocharia e cosinhas, como tambem cevada com largueza para todos os cavallos e bestas, que na Villa se acharam. Deteve-se a Princeza este dia e o de Domingo, em que se viu igual abundancia de carnes, e das aves mais delicadas e exquisitas com a mesma profusão. Na segunda feira partiu a Princeza desta Villa para a de Souzel, aonde a esperava a Duqueza de Bragança etc. »

J. H. DA CUNHA RIVARA.



OS TOUROS DE GUI SANDO.

A um quarto de legua do ex-mosteiro de Guisando, situado em uma das faldas da serra de Guadarrama, á esquerda da estrada real, que se dirige da villa de Cadabalso á cidade de Avila, existem, no recinto de uma vinha, e a vinte e cinco passos da direita da mesma estrada, olhando ao poente, quatro touros de pedra, grosseiramente esculpidos, que se chamam de Guisando por estarem nas immediações do mosteiro acima referido.

Cada touro tem seis pés de altura, desde o plyntho até á extremidade superior, e dez pés e seis pollegadas de comprimento desde a cabeça até á cauda: não tem pontas, particularidade que os torna notaveis.

Não concordam os antiquarios sobre a origem d'estes monumentos, que são indubitavelmente romanos. Diogo Rodrigues de Almela foi o primeiro que se lembrou d'elles em sua obra *Tratado ó compilacion de las batallas campales que son contenidas en las estorias escolásticas é de España*. Segundo a opinião d'este escriptor os touros de Guisando foram erigidos em memoria do triumpho alcançado contra os hes-

panhoes por um general romano (Guisando) cêrca da villa de Cadabalso. Mayns porém o refuta com solidos argumentos.

Dizem outros que foram ali postos em memoria da batalha de Munda, na qual Cesar derrotára os filhos de Pompeu; contam finalmente alguns que foram levantados para perpetuar o triumpho obtido por Metello, 74 annos antes de Christo, sobre as tropas de Hirtuleyo, capitão de Sertorio.

Não é facil averiguar hoje o primitivo destino d'estes monumentos. Concorrem porém circumstancias que nol-os fazem suppor *marcos terminacs* de regiões ou provincias, e pode suspeitar-se que foram erigidos no setimo consulado de Augusto (727 annos de Roma, 27 antes de Christo) quando se reformou a divisão do territorio hespanhol.

A inscripção, que se lê no touro que a gravura representa, interpretam-na os archeologos hespanhoes do seguinte modo: LONGINO MANDOU ERIGIR ESTA MEMORIA A PRISCO CALECIO SEU PAE.

Os IMPÉRIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

IX.

Novas revoltas: altera-se a ordem na successão ao throno: mallogram-se importantes planos: grande revolução em Constantinopla.

ERAM fins de dezembro de 1603 quando Achmet I (Ahmed Kan I) succedeu a seu pae Mahomet III, tendo apenas quatorze annos de idade. A sua exaltação ao throno foi assignalada com um acto de humanidade, que faz honra á sua memoria. Não querendo ensanguentar a sua estrêa no poder, poupou a vida ao joven principe Mustaphá, seu unico irmão, afastando-se assim da barbara politica seguida constantemente por seus predecessores desde Mahomet II, que sacrificavam todos os irmãos á segurança da sua corôa.

N'este reinado continuou o imperio a enfraquecer-se. A rebellião que rebentou nas provincias asiaticas, e que se estendeu desde as fronteiras da Persia e da Syria até ás margens do Bosphoro; e a guerra com a Persia, tão longa quanto infeliz, extenuaram a nação moral e physicamente. O vencimento da revolta custou penosos sacrificios; e a lucta com a Persia acabou por um tratado, restituindo-lhe a Turquia tudo quanto anteriormente lhe havia conquistado.

Se em tão difficeis circumstancias o imperio ottomano se visse forçado a entrar em uma seria lucta com as potencias christãs, chegaria sem duvida á ultima extremidade. Valeu-lhe porém o scisma religioso, que as trazia, na maior parte, tão occupadas. As divisões que o lutheranismo introduzira em todos os estados da Allemanha, obstou a que o seu mais implacavel inimigo se aproveitasse da sua fraqueza e penuria.

Durante todo este periodo de apuro apenas teve que sustentar frouxa guerra na Hungria com os austriacos, a qual terminou por um tratado, que aboliu o tributo annual que o imperador d'Allemanha pagava ao sultão em virtude de tratados anteriores. Em troca obteve a Porta, que lhe fosse reconhecido o seu direito de suzerania na Valaquia, nomeando livremente os principes que a deviam governar.

No mar teve a Turquia alguns combates de pouca importancia com os florentinos e maltezes. A França, Inglaterra, e mais nações enviaram embaixadas a Constantinopla para renovar os tratados de paz.

A Hollanda tratou pela primeira vez com a Turquia, correndo o anno de 1606. Foram os holandezes que introduziram n'este paiz o uso do tabaco, a que se oppoz o musti, e que tantos conflictos provocou.

Achmet I morreu em novembro de 1617, contando 28 annos de idade, e quatorze de reinado. Louvavam-no os ottomanos pelo seu amor de justiça, pela sua moderação e magnificencia; pelo zêlo que mostrava em tudo quanto dizia respeito á religião, e pelos templos grandiosos que fundou. Entretanto a historia aponta-o como um principe fraco, que deixando-se inteiramente dominar pelas influencias do harem, deu corpo a muitas intrigas, que affectaram os interesses do paiz, e d'est'arte contribuiu para a decadencia do imperio.

Como o principe herdeiro apenas tivesse treze annos, Achmet, para evitar á sua patria os inconvenientes de uma menoridade, nomeou para lhe succeder a seu irmão Mustaphá. E foi esta a primeira vez que se inverteu a ordem de successão, exemplo este que foi depois seguido por alguns sultões. Desde este acontecimento estabeleceu-se a pratica de conservarem no serralho como debaixo de prisão aos principes collateraes do soberano, tirando porém a vida aos filhas, que tinham durante o seu captiveiro.

Mustaphá I não chegou a reinar quatro mezes. A sua incapacidade absoluta, demonstrada em continuos actos de imbecilidade, presencados por toda a povoação de Constantinopla, levou os dignitarios do imperio a depol-o, e aclamarem seu sobrinho Osman (1618).

Este principe contava então 14 annos. Dotado de singular energia de character, corajoso e destro no exercicio das armas, e educado com certa severidade de costumes, parecia destinado a ser o restaurador da decadente monarchia. E sel-o-ia sem duvida se o não compromettêra a inexperiencia da idade. Querendo cohibir de repente muitos abusos arreigados pelo longo curso d'annos levantou contra si muitos odios e resistencias, principalmente no corpo dos janisaros cuja indisciplina lhe attrahira particular attenção. Taes animosidades, augmentadas depois por algumas faltas e indiscripções commettidas pelo sultão, que deixava facilmente adivinhar todos os seus pensamentos e projectos, causaram a sua ruina.

Em 1621 concebeu o plano da conquista da Polonia, e n'esse mesmo anno entrou em campanha collocando se á frente do exercito. Não era só o amor da gloria, que o impellia para esta guerra, mas tambem vistas politicas de grande alcance. A Russia começava a engrandecer-se, estendendo-se pela Asia e pela Europa. O character bellicoso d'esta nação, e o espirito de conquistas que ia desenvolvendo cada vez mais, causaram serias apprehensões nos homens d'estado da Turquia. A posse por conseguinte da Polonia tinha o dupla vantagem de tirar aos russos allia-dos com que ás vezes se fortaleciam, e de fazer d'aquelle reino uma barreira contra as invasões dos novos conquistadores. Esta empreza porém mallogrou-se no fim de algumas batalhas mui sanguinolentas.

Osman attribuiu aos janisaros o mau successo do seu plano, e desde logo premeditou a extincção d'esta milicia. Assim que regressou á capital annunciou a sua resolução de visitar na proxima primavera as cidades de Mecca e Medina, e immediatamente ordenou os preparativos para esta peregrinação. Falto porém da necessaria reserva nos segredos d'estado deu a saber o fim verdadeiro da sua jornada, e em breve se espalhou entre os janisaros a noticia de que tal peregrinação encobria o projecto de viagem do sultão ao Cairo, para este vir depois á frente das tropas egypcias dissolver-os e aniquilal-os. Nem a

agitação que começou a lavrar n'este corpo turbulento, nem as representações do musti puderam fazer com que o sultão desistisse da sua viagem, antes pelo contrario todas estas resistencias apenas serviram para abreviar o momento da sua partida.

A chegada da esquadra em frente do castello das Sete Torres para receber a seu bordo o soberano foi o signal para rebentar a explosão. Os janisaros marcham tumultuariamente para a praça d'Atmeidan, e pedem a morte do grão-vizir e de mais cinco altos funcionarios, que tomavam parte nos conselhos do sultão. O corpo de sipahes une-se aos revoltosos, bem como a guarnição da esquadra. Entretanto o corajoso Osman recusa-se formalmente a entregar as victimas exigidas pelos sublevados. A unica concessão que lhes faz é renunciar á sua viagem. Aquella recusa serve de pretexto para o ataque do serralho. N'um instante foram as portas forçadas, e invadidos todos os aposentos. O grão-vizir e os outros infelizes indicados pela vingança dos rebeldes foram assassinados, e o desditoso sultão foi levado em prisão no meio dos maiores ultrages para o castello das Sete Torres, onde pouco depois lhe arrancaram a vida (1622).

No mesmo dia foi levado em triumpho o ex-sultão Mustaphá I do carcere em que jazia para o throno, que seu sobrinho deixára vago. Mas d'esta vez o seu reinado não passou de quatro mezes, no fim dos quaes foi novamente deposto e reconduzido ao seu antigo carcere.

N'este curto periodo, verdadeiro interregno, pois que Mustaphá não tinha de soberano mais do que o nome e as insignias, enthronisou-se a anarchia em todo o imperio. Os poderes do estado passaram, por assim dizer, para as mãos da soldadesca desenfreada, que nomeava e depunha os grão-vizires, fazia lançar ou abolir impôstos, e castigava com a morte aos que pretendiam pôr termo a tantas desordens e violencias. O governador de Tripoli da Syria, aproveitando-se de tão favoravel ensejo, declarou-se independente. Em Erzeroum o bachá expulsou os janisaros, e declarou-se em rebellião contra o governo de Constantinopla. Finalmente multiplicados incendios, rixas populares e combates entre tropas regulares transformaram em um cahos a todo o paiz. Nos rendimentos publicos houve uma diminuição de quarenta e oito milhões, ao mesmo tempo que os tributos foram elevados a uma cifra aonde nunca tinham chegado. A corrupção dos altos funcionarios augmentou excessivamente, violavam se as leis com a maior facilidade.

Foi no meio de todas estas desordens, que o corpo dos *ulemas* começou a exercer grande influencia nos negocios do estado, influencia que se fez sentir beneficamente nos progressos da litteratura e da jurisprudencia, que elles cultivavam, as quaes resplandeceram com bastante brilho apesar da decadencia geral das instituições.

(Continúa.)

I. DE VIJHENA BARBOSA.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

III.

VAMOS lançar-nos nas solidões do oceano; refrescar com os halitos da viração do mar a cabeça escaldada do mancebo entregue ás paixões; vamos infiltrar nos pulmões esse ar puro que roça pelas frescas vagas,

desannuiar o coração contemplando as maravilhas de Deus, respirar á vontade sobre a amplidão das aguas, voando no baixel, ante o qual os horisontes se alargam de continuo!

Como é grande, como é magestoso e unico esse espectáculo que se patenteia aos olhos do navegante! Seja a que luz fôr: ou ao intenso brilho do sol, ou ao pallido clarão da lua, ou ao tremulo bruxulear das estrellas, ou mesmo nas quasi trevas de noute nebulosa... haja calma ou borrasca, vento de feição ou contrario... sempre é poetico esse quadro!

Quem, circumscripto aos limites de uma cidade, de uma provincia, de um reino, de um continente, não viu ainda nascer o sol d'entre as vagas e sumir-se no seio d'ellas; quem não contemplou em linda noute dos tropicos a scintilante abobada do hemispherio austral, em cujo polo estrellado brilha o cruzeiro do sul, cercado de myriades de luzeiros; quem não viu misturar-se com o tremulo reflexo das estrellas e da lua o fosforecente serpentear da ardentia; quem finalmente não viu todas as iras do Senhor conglobadas no aspecto tremendo da tempestade, e cerrando a mão contra o peito, que parece estalar, que suffoca pelo pezo do ar carregado da electricidade do raio, á claridade sinistra dos relampagos, debaixo de torrentes de chuva, entre novelões de ondas furiosas, não encarou o mar rebentando em serras de espuma... oh! que não viu nada quem não experimentou tudo isto!

Só um talento superior, uma imaginação poderosa pode adivinhar taes scenas, e ser poeta sem ter visto as calmas e as tormentas do oceano... são bem poucos esses entes privilegiados! É triste porém haver contemplado mil vezes esse quadro sublime; ter coração para sentir a sua grandeza, entre os escarceus, no balouço das vagas... e não poder copiar na tela tão prodigiosos labores!

A palheta cae-nos da mão!... Ao largo, ao largo. Busquemos uma terra hospedeira, onde repousar alguns momentos.

IV.

Os altos cumes das serranias da Madeira começam a destoucar-se dos nevoeiros da manhã; para ahí fica a ilha de Porto Santo, cujas praias de branca areia contrastam singularmente com os negros promontorios d'aquella; além jazem as Desertas: deixemos umas e outra, e vamos demandar o ancoradouro do Funchal, o melhor porto d'esta *Flor do Occano*. Eis-ahí a capital da ilha: é uma cidade risonha, formosa e acceiadissima, coroada por lindos pontos de vista, cortada por caudalosos ribeiros, e que destaca graciosamente no fundo verde e negro do arvoredo e das montanhas. Um clima temperado, um solo fertilissimo fazem d'este paiz um segundo Eden; e é tal a sua reputação de salubridade que ha muito se tornou em hospital de phiticos inglezes, e hoje de portuguezés tambem.

Uma extensa descripção da ilha da Madeira viria deslocada n'estas paginas, que não têm pretenções a tratar questões geographicas nem problemas economicos; das suas bellezas de perspectiva tantos viajantes se têm occupado que seria superfluidade o tentar um novo esboço, o qual ficaria de certo muito áquem dos optimos paineis que todos conhecem. Não cito nomes de auctores, nem titulos de livros para não fugir do programma que acima tracei.

Ainda em cumprimento do mesmo programma, passarei a contar uma involuntaria digressão que, mais tarde, em outra viagem, fiz em volta da ilha

até *Porto-Moniz*, logar situado na extremidade da insula opposta ao Funchal.

V.

Era em novembro de 1844, e estava eu de guarnição na fragata *Diana*, sob o commando do intrepido e desgraçado João Maria Ferreira do Amaral. Mandaram-me sair no dia 13 pela manhã, em uma lancha do navio, tripulada por 29 pessoas, entre soldados e marinheiros, para perseguir e capturar, se fosse possivel, uma embarcação de contrabando que se dizia estar na *Ponta do Sol*. Fui, e nada encontrei; porém o dia conservára-se ameno, e folguei de ir terra a terra contemplando aquellas pequenas villas da Calheta, Magdalena, e outras, que nos ficavam no caminho. Seguindo as instruccões que recebêra, logo á noute virei a pròa ao Funchal, porém o vento começou então a refrescar, e o mar não tardou a encrespar-se furiosamente, como é vulgar n'aquella paragem quando sopra do sul; a lancha pouco avançava, a gente começou a cair enjoada pela violencia dos balanços, e quando rompeu o dia já poucos, muito poucos, estavam de pé. Um valente cabo do batalhão naval, que passára varias vezes o decantado cabo da Boa Esperança sem nausear, parecia agora um defunto. Já com o sol fóra avistámos o Funchal, e a fragata *Diana*, que tinha todos os seus ferros no lundo, e os mastaréis arriados; os navios mercantes, que na vespera deixára no porto, tinham levantado ancora, e procuravam abrigo do outro lado da ilha. Bordejámos durante o dia, fazendo vãos e temerarios esforços com todo o pano largo em uma lancha podre e carregada de gente; da fragata não nos podiam mandar soccorro, viam a nossa afflicção sem poderem valer-nos; de terra ainda menos deviamos esperar a salvação. Não se enxergava nenhum barco, que nos pudesse dar um pratico da costa para nos conduzir a qualquer abrigo... e o sol corria a mergulhar se nas ondas!... e por fim sumiu-se!

Um brado de agonia se ergueu então da pròa, e achou ecco na maioria d'aquelles homens costumados ao perigo; é que haviam comprehendido o terrivel da situação! A noute avançava medonha, o vento sibilava rijamente, continuos escarcéus alagavam o desconjuntado barco, e não tinhamos mantimentos, nem agua para beber!... nem um instrumento nautico, nem uma carta marítima, nem bussola, nem nada!... Corriamos para a morte; mas para uma morte horriavelmente cruel!...

Não. A nossa derradeira hora não havia soado ainda! Acabava eu de escrever em uma pequena tira de papel (que conservo em memoria d'este dia) as seguintes palavras: — «14 de novembro de 44. É a primeira vez na vida que cheguei a ponto de perder a esperança, não a coragem.» (1) quando o grito de salvação: — «Uma vela!» — se misturou com o rouco bramido da tormenta. Era com effeito um barco de Porto Santo, que, como nós, fugia á procella, e procurava abrigar-se em *Camara de Lobos*; cheguei-me para elle, e pedi-lhe um pratico da costa; respondeu-me que não tinha nenhum. Era a ultima esperança que se escoava!... Mas o homem chegado a esse supremo momento não se deixa vencer por qualquer contrariedade; mandei fazer fogo sobre o barco, e um grito de «Misericordia!» retum-

(1) Peço desculpa da má redacção do bilhete. A occasião não era para procurar bellezas de estylo. Em outra parte, citando de cór, escrevi inexactamente o seu conteúdo: agora copiei do original que tenho á vista.

bou sobre as aguas: immediatamente um homem se ergueu de lá, dizendo «Estou prompto» e eu pude felizmente roçar a minha lancha pela outra embarcação, e receber o nosso salvador, sem ter deixado chocarem-se os dous barcos, do que resultaria provavelmente a perda de ambos, porque as ondas quebravam-se em volta de nós com frenetico delirio. Então fomos correndo até á *ponta do Pargo* a cuja sombra ancoramos, já alta noite, não sem cuidados, por que ainda a lancha garrou algumas vezes; estavam alagados, sem roupa para mudar, sem fogo para nos aquecer, nem um pedaço de pão, nem uma sede d'agua, nem um cigarro ao menos para nos distrahir fumando!

Ao romper d'alva seguimos para Porto Moniz, e por volta das onze horas estavam a salvamento e agasalhados n'aquella terra de boa gente.

Passados alguns dias, quando o tempo abonçou, voltei ao Funchal, e o meu bravo commandante apertou-me contra o peito com o braço que os inimigos lhe haviam deixado por então... e foi a unica vez que vi apparecerem lagrimas nos olhos d'aquelle homem de vontade de ferro!

VI.

Deixando a outr'ora feliz, e hoje tão desgraçada, ilha da Madeira, navegamos para as Canarias, formosas perolas da corôa dos reis de Hespanha. Apor-tei a uma só d'elles, a ilha de Tenerife, e poucas horas tive para visitar a cidade de Santa Cruz; assim, não improvisarei anedotas, nem copiarei descrições... livros não faltavam para explorar; resumirei em poucas palavras as fugitivas recordações que me ficaram d'esta rapida passagem por tão delicioso paiz.

O pico de Tenerife avista-se de muito longe no mar, e do seu cume se descobre todo o archipelago das Canarias, e até em dias claros, segundo lá me disseram, os areas do Sahara. É surpreendente a vista d'essa elevada montanha, de figura conica, cujo cimo dizem os viajantes ter cinco leguas de circumferencia, e que tantas vezes se esconde entre as nuvens, ou campeia por sobre ellas. Ali ha gelos permanentes, e junto á baze um clima temperado, e mesmo calor extraordinario, como eu experimentei no mez de maio. A cidade vista de fóra tem uma linda prespectiva, que de mais a mais não illude o forasteiro; desembarcando nos seus optimos caes, percorrendo as suas aceiadas ruas, passeiando nos seus arrebalde, encontram-se bellos edificios, formosos jardins, lojas apparatusas, todas as commodidades da vida. Uma cousa surprehende ali o viajante que ainda não visitou o Egipto, ou outros logares da Africa e Asia, é vêr os camellos e os dromedarios carregando todos os generos, em vez de carros ou de cavalgaduras. A principal riqueza das Canarias é o seu optimo vinho, mais feliz por ora do que o da Madeira. As mulheres têm ali bem merecida fama de bellas e engraçadas; não lhes falta o *salero* hespanhol.

Na cathedral, que examinei de corrida, vi com-tudo algumas bandeiras inglezas, tomadas aos soldados e aos marinheiros de Nelson, quando elle tentou apoderar-se por surpresa d'aquella ilha, e que foi repellido pelos hespanhoes, com perda de muita gente, dos meliores officiaes da esquadra, e até do seu proprio braço direito.

Deixamos com saudade esta deliciosa capital das *Fortunadas*, e demandando as *Hesperidas*,

Aquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago.

O que quer dizer em prosa chã, que chegamos ao archipelago de Cabo Verde, e á principal das ilhas. Que differença em tão poucos dias! Tenerife ou S. Thiago!... Não quero desembarcar n'essas doentias praias, visto que o serviço ahi me não chama; esperarei a bordo que venham os mantimentos e a aguada, e postas em cima as ancoras, apartar-me-hei da ilha, sem mesmo lançar um derradeiro olhar á *ponta das Bicudas* ou ao *pico da Antonia*.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

EMPREGO DO COLLODION NA AGRICULTURA.

A AGRICULTURA acaba de adquirir um meio de multiplicação, tão precioso como inesperado.

O collodion que é, como todos sabem, o algodão-polvora dissolvido no ether, é um verniz dos mais siccativos, muito adherente, impermeavel á agua, e impenetravel ao ar. Impressionado pela importancia d'estas tres qualidades do collodion, um pratico lembrou-se de applicar esta substancia, novamente descoberta, á multiplicação das plantas por estaca. O seu processo é o seguinte:

Applica-se directamente uma camada de collodion sobre o córte feito nos ramos tirados da planta-mãe; cinco ou seis segundos depois a substancia está secca, e a ferida hermeticamente tapada.

O processo da plantação da estaca effectua-se depois pelo methodo ordinario.

Foi depois de repetidas experiencias, que o auctor reconheceu a immensa vantagem que ha no uso do collodion. Sobre 26 estacas de plantas de estufa, 23 crearam raizes, ao passo que sobre um numero igual de estacas não cobertas com o collodion, apenas 12 vingaram.

Procedeu do mesmo modo sobre plantas de invernaculo, ou de estufa temperada, bem como sobre plantas expostas ao ar livre, e obteve resultados de igual natureza, mas em proporções ainda maiores.

A acção do collodion deverá ser mais vantajosa ainda em plantas succulentas ou leitosas.

Aquella substancia poderá tambem ser empregada, com vantagem, nas enxertias de garfo, quer ella seja applicada só, quer seja coberta com uma ligadura de gutta-percha, que serviria para consolidar mais fortemente o pimpolho sobre o cavallo.

(Extrahido do *Moniteur*.)

ARARUTA.

ESTA farinha nutritiva e saudavel procede d'uma planta cultivada nas Antilhas, que tem o nome botanico de *Maranta arundinacea*, maranta de folhas de canna; extrahe-se dos tuberculos da mesma, brancos e carnudos, que adquirem consideraveis dimensões, e que na Cayenna, cosidos na cinza do borralho, são reputados febrifugos: tambem os põem machucados em cima das feridas, e até se julga que são especifico para curar as que foram feitas por frechas empeçonhadas: d'ahi vem o nome inglez *arrow-root*, raiz das frechas, do qual pela simuloaneia compozemos a palavra *araruta*.

A secula d'esta raiz mui semelhante á farinha fina de trigo, é estimada, não só pelas propriedades nutrientes, como tambem pela facilidade com que a digerem os estomagos fracos.